

## A história e os modelos do corpo

*Georges Vigarello\**

Resumo: O corpo, pensado em quadros precisos de intercâmbios específicos e relacionais, torna-se um objeto suscetível de elucidar épocas e sociedades, podendo, assim, esclarecer um mundo. A diversidade de seus territórios é abundante no seio de cada cultura e de cada época. O investimento na elaboração de uma história do corpo consiste, portanto, em recensear e explorar os muitos e múltiplos territórios corporais, complexificando nossas representações e desconfiando de nossa sensibilidade do presente.

Palavras-chave: História do corpo, história das qualidades físicas, corpo.

Abstract: The body conceived as precise pictures of specific and relational exchanges, becomes an object capable of elucidating times and societies, therefore capable of enlightening a world. The diversity of its territories is abundant in the heart of each culture and each era. Thus, the effort of elaborating a history of the body consists in surveying and exploring the many and multiple bodily territories, entangling our representations and mistrusting our sensibility of the present.

Key-words: History of the body, history of physical qualities, body.

As referências dadas à forma, às eficácias e funcionamentos do corpo, mudam no decorrer do tempo. Suas representações se deslocam de tal maneira que, algumas vezes, vêem-se completamente transformadas: o controle do peso corporal, por exemplo, os cuidados com a constituição orgânica, a hierarquia concedida ao aspecto físico, os índices de alerta aos males; os padrões estéticos atuais não são aqueles do passado. Uma imagem, ao mesmo tempo plural e global, foi reconstituída; “imagem” no sentido dado por Denise Jodelet quando se refere ao conceito de representação: “atividade mental orientada para a prática, ou seja, o princípio que serve de guia da ação concreta sobre os homens e as coisas visando a sistematização de saberes pragmáticos e, através da comunicação, agente da criação de um universo mental consensual” (JODELET, 1984, p. 30-31)<sup>1</sup>. A representação (social, no caso presente) seria uma maneira de organizar internamente o real, de acordo com as referências coletivas que agem sobre ele como uma forma

\* Universidade de Paris V e École des Hautes Études en Sciences Sociales. <http://www.ehess.fr>  
Revisão Técnica: Carmen Lúcia Soares

1. Ver também Jodelet (1988).

de pensamento, cuja primeira característica é a de ser funcional, imediatamente pragmática. Estudada nos “conteúdos concretos nos quais ela está encarnada”, detectada como “pensamento prático”(JODELET, 1984, p. 30-31), essa representação pode revelar indícios importantes sobre o universo corporal de uma cultura e de uma época.

Seria preciso ainda medir a diversidade dos registros culturais e eruditos aos quais o corpo vem sendo confrontado, a ponto de perder, rapidamente, um aspecto de “unidade original” e de se tornar um desafio para aqueles que querem estudá-lo.

## 1. As três faces do corpo

Inúmeras são as maneiras de se referir ao corpo e de habitá-lo; inúmeras são as maneiras de representá-lo e de lhe dar forma; é a dispersão desses indícios possíveis que impressiona inicialmente. Um olhar mais profundo revela como a diversidade dos territórios do corpo é abundante no seio de cada cultura e de cada época: a competência do ortopedista não é comparável à do artista, do mesmo modo que a prática do esportista não é a do mímico ou do ator. Mecânica, energia, expressão e sensibilidade se repartem numa multiplicidade de corpos, cada qual em sua singularidade, com seus saberes, seus imaginários, seus domínios, até mesmo seus objetos. É necessário medir essa abundância de referências corporais, essa variedade que proíbe agrupá-las em uma mesma disciplina científica ou, mesmo, dar-lhes uma coerência e uma unidade *a priori*.

Podem-se distinguir pelo menos três grandes faces da existência corporal: todas possuem seus próprios investimentos e singularidades, e, é claro, sua própria história. A primeira é a do princípio da eficácia: recursos técnicos que o corpo retira da mecânica e dos sistemas orgânicos, ou seja, a sua capacidade de ação sobre os objetos. Pode-se pensar aqui nas habilidades dos trabalhadores manuais e nos procedimentos físicos quotidianos, como também nos saberes e nas práticas colocadas em jogo para a manutenção do corpo, o aumento de sua resistência ou de seu poder, saúde, higiene ou mesmo treinamentos corporais variados. A segunda destas faces é a do princípio de propriedade: posse, pelo corpo, de um espaço e, nele, de um território totalmente pessoal, ou seja, apropriação do ser no mais íntimo de si, nos limites de sua dimensão biológica. Imaginem-se, portanto, as representações das fronteiras corporais, daquilo que recobre o corpo – as “muralhas da intimidade” – ou, ainda, os lugares a partir dos quais se definem as violências e os atentados físicos. Esta face mostra-se de suma importância, pois suas variantes históricas revelam deslocamentos de sensibilidade, que se referem não somente à relação com o outro, mas, também, para consigo mesmo. A terceira face é a do princípio de identidade: manifestação, pelo corpo, de uma interiorização ou de um pertencimento que designa o sujeito, ou seja, o recurso de mensagens e de trocas a partir de sinais e de expressões de natureza física. Pode-se pensar aqui,

os recursos expressivos, a emissão de mensagens, a emergência de um sentido voluntário ou involuntário. Nesta terceira face pode-se pensar, ainda, as manifestações de prazer e de dor reforçando a ancoragem do sujeito.

## 2. A história e o objeto

Estas três faces demonstram o quanto a história do corpo pode revelar-se heterogênea, mobilizar objetos muitas vezes diferentes, até mesmo inconciliáveis. É mais em direção à prudência epistemológica e metodológica que ela deveria, então, conduzir.

Esta história, porém, poderia tornar-se mais legítima ao captar um objeto com precisão: objeto que outras abordagens tiveram dificuldade em apreender, objeto que revela aquilo que não existiria, a não ser no momento e no lugar em que é captado. Mostrar, por exemplo, com Le Goff (1967, p. 440), que a “civilização medieval é a civilização do gesto”, é abrir um campo de reflexão sem limites a respeito dos modos de sociabilidade em via de solidificação e de diferenciação, assinalando ao mesmo tempo os obstáculos e as inovações que implicam o lugar ainda muito marginal da escrita; é dar uma densidade inédita às modalidades inteiramente corporais dos juramentos e dos contratos, das solenidades remarcáveis<sup>2</sup> ou dos usos muito quotidianos; é ler esta tentativa antiga de inscrever no corpo um código ainda à procura das suas transposições em signos escritos. A partir deste único enunciado, um espaço difuso de práticas e de gestualidades anódinas torna-se bruscamente relevante para acentuar a originalidade da sociedade da qual surgem. No limite, a Idade Média existe “diferentemente”, quando se leva em consideração estas inscrições corporais que a importância – logo mais central – da escrita permitirá deslocar. O corpo, dentro deste quadro preciso de um intercâmbio específico e relacional, tornou-se, assim, um objeto suscetível de esclarecer um mundo.

Abundantes são os exemplos desses objetos corporais que foram-se tornando objetos “elucidativos” de uma época e de uma sociedade. O investimento na construção de uma história do corpo consiste tanto em recensá-los quanto em explorá-los. Contudo, é necessário, às vezes, saber tornar complexas as representações e desconfiar de nossos próprios esquemas representativos, aqueles de homens e mulheres que pertencem à sociedade de hoje.

## 3. O exemplo das qualidades “físicas” do corpo

O simples exemplo das qualidades físicas atribuídas ao corpo na história demonstra até que ponto estas qualidades devem ser diferenciadas das nossas. Vou

2. Nota da Revisora Técnica (NRT). Por exemplo, as solenidades como a nomeação e os torneios dos cavaleiros medievais, as festas da primavera etc, etc.

usar este único exemplo para preconizar a desconfiança a respeito de nossas próprias referências: a qualidade da “velocidade”, mais precisamente ainda, que evocarei aqui, aparentemente eterna e inventada com a corrida, se revela, na verdade, rapidamente mais complexa, confusa e dissimulada para quem deseje estudá-la.

Duas noções dominam a tradição mais antiga, no momento em que são evocadas as qualidades físicas do corpo: a força e a destreza. Elas são, aliás, pouco explicitadas, furtivamente citadas. Aparecem, por exemplo, no jogo de péla no final do século XV, jogo em que são esperados lances aplicados com “muita habilidade, muita força e muita malícia” (D’ALLEMAGNE, 1882, p. 170). Nenhuma alusão, ainda, aqui, à velocidade, à respiração e mesmo aos músculos, nestes raríssimos comentários que limitam os notáveis recursos do corpo às mais genéricas referências. Aliás, poucas são as alusões às qualidades abstratas, como mostra o texto de Rabelais, no início do século XVI, que, descrevendo os exercícios de Gargantua, não constrói um quadro das aptidões ou dos valores a serem aperfeiçoados. Ele evoca, antes de tudo, as práticas e os lugares. Considera apenas gestos materialmente situados, aqueles que servem a determinadas circunstâncias sociais e aos costumes mais cotidianos. Define o corpo por aquilo que ele realiza. Daí decorre essa variedade de situações, esse culto muito particular das séries, essa vontade de evocar movimentos e contextos, coisas e lugares; essa insistência sobre a diversidade dos cavalos, por exemplo, para definir o domínio sobre estes animais: “*Monstroit sus un coursier, sus un roussin, sus un genet, sus un cheval barbe, cheval légier, et luy donnoit cent quarrières*” (D’ALLEMAGNE, 1882, p. 93-94)<sup>3</sup>; ou, ainda, essa insistência sobre a diversidade dos instrumentos para definir o domínio das armas: “*sacquoit de l’épée à deux mains, de l’espée bastarde, de l’espagnole, de la dague, du poignard, armé, non armé, au boucler, à la cappe, à la rondelle*” (D’ALLEMAGNE, 1882, p. 93-94)<sup>4</sup>. Porém, aqui, jamais uma alusão a qualquer substantivo relativo às qualidades corporais. Aprender é muito mais enumerar práticas e encadear ações que lapidar disposições e capacidades corporais.

Uma tentativa de designar claramente qualidades evocadas por um substantivo se inicia, entretanto, no século XVI, quando a figura do cortesão substitui definitivamente a do cavaleiro, momento em que se difundem maneiras específicas e inéditas, que permitem àquele que as possui “se tornar digno de dialogar e receber todo e qualquer favor de um grande senhor” (CASTIGLIONE, 1585, p. 28), segundo a expressão de Castiglione em 1528. A renovação das virtudes, a interrogação explícita sobre os comportamentos que distinguem os indivíduos, renova também as pesquisas e as palavras sobre aquilo que se refere ao corpo. A

3. NRT. “Montar num cavalo de batalha, num cavalo de carga, num cavalo espanhol, num cavalo árabe ou num cavalo leve e fazê-lo correr cem léguas.” Frase original em francês arcaico.

4. NRT. “Sacar da espada com as duas mãos: da espada *bastarde*, da espanhola, da adaga, do punhal, estando em guarda ou não, executando as diversas paradas”. Frase original em francês arcaico.

insistência dos mestres de armas em relação “à cortesia, à civilidade e aos bons costumes”<sup>5</sup> acrescenta, aos valores tradicionais dos cavaleiros, aqueles do cortejo, julgados mais sutis. Balthazar Castiglione, no livro *Courtisan*, lido em toda a Europa, sugere claramente as qualidades do corpo, ao enumerar seu longo enunciado de exercícios: o volteio a cavalo, visto como capaz de tornar “o homem muito leve e habilidoso”<sup>5</sup>; o jogo da péla, visto como capaz de aumentar “a velocidade e a destreza dos membros”<sup>5</sup> e a corrida e os saltos, vistos como capazes de dar “a agilidade”<sup>5</sup>. La Noue (1588, p. 145), no seu livro *Discours politiques et militaires*, recenseando no final do século XVI “aquilo que deve ser ensinado”, assinala os exercícios que tornam “a pessoa mais robusta e ágil”. Peacham (1634, p. 207), no seu livro *Compleat Gentleman*, correspondência inglesa do cortesão italiano, insiste sobre “a destreza, a força e o vigor”, qualidades físicas que se presumia resultarem de exercícios propostos.

Surgem novas palavras para designar a velocidade, sem precisá-la, nem objetivá-la, como a palavra agilidade; ou a palavra leveza para designar de forma obscura a graça e a descontração, do mesmo modo, sem objetivá-las. A verdadeira insistência é dada à agilidade associada à força. Apenas estas duas qualidades são comentadas e sublinhadas. Apenas elas triunfam, quando as descrições são desenvolvidas e as hierarquias designadas: Henrique II é qualificado como “forte e ágil” (BOURDEILLE, 1822, Tomo III, p. 277)<sup>6</sup>, Felipe II mostra “força e agilidade”<sup>7</sup> (BOURDEILLE, 1822, Tomo II, p. 91), La Chateigneraie (em seu duelo contra Jarnac) possui “além da sua força uma grande agilidade” (BOURDEILLE, 1822, Tomo IV, p. 273)<sup>8</sup>. Henrique IV é “robusto e ágil”, assim como os bascos com quem, quando criança, ele brincava (PALMA-CAYET, 1838, 1. série, Tomo XII, p. 174)<sup>9</sup>. Aliás, as duas qualidades se completam, podendo, parcialmente, se compensar: evidente no caso de Brissac<sup>10</sup>, classificado como “fraco” na luta, mas tão habilidoso que “derrubava os maiores e os mais robustos” (BOURDEILLE, Tomo VI, p. 140).

A designação de qualidades físicas comanda, pela primeira vez, “o que deve ser aprendido”: as virtudes “corporais” claramente repertoriadas acompanham o per-

5. Pluvinel citado por Stegmann, A., no livro *La naissance de l'art équestre em France à la fin du XVIe siècle*; Ariès; Margolin (1982).

6. NRT. Henrique II foi Rei de França no período de 1547 a 1559.

7. NRT. Felipe II foi Rei de Espanha no período de 1556 a 1598 e Rei de Portugal no período de 1580 a 1598.

8. NRT. Jarnac viveu entre 1509 e 1572 e foi vencedor de um duelo com o Senhor François de Vivonne, Senhor de La Chateigneraie em 1547, por um golpe inesperado, “porém leal”, desferido na parte posterior do joelho, denominando este golpe pela expressão “coup de Jarnac”.

9. NRT. Henrique IV foi Rei de França no período de 1562 a 1610 e foi conhecido por sua força e robustez.

10. NRT. Charles de Cossé, Conde de Brissac, viveu entre 1550 e 1621. Foi negociador da entrada de Henrique IV em Paris que, por ser protestante, não era reconhecido como rei pelos parisienses.

fil das virtudes morais. Diversas qualidades se opõem, associam-se, compensam-se para compor o que se entende por um modelo novo: modelo que revela esta figura mais controlada do homem de corte, que agrega, à força do antigo cavalheiro, alguma agilidade cada vez mais calculada e acentuada. A arte do cortesão fixou e definiu, assim, as qualidades físicas do corpo.

Durante muito tempo, é necessário repetir, a qualidade da velocidade foi definida simplesmente por aquela da leveza: as asas das quais Mercúrio é simplesmente dotado. É necessário ultrapassar a longa duração, é necessária a lenta construção de uma fisiologia muscular e nervosa, é necessária a elaboração dos primeiros cálculos da velocidade de propagação “da força nervosa motriz”, para que se comece a especificar a qualidade física da “velocidade”. Construção lenta, já que Longet reconhecia, ainda em 1850: “Os cálculos (da velocidade nervosa) que foram feitos não estão estabelecidos sobre nenhuma base sólida como comprovam as enormes dessemelhanças que apresentam. Tudo o que se pode afirmar é que esta velocidade é muito grande e, aliás, muito variável conforme os indivíduos e as espécies animais” (LONGET, 1850, Tomo II, p. 46). Texto maior, na realidade, já que são, efetivamente, as diferenças individuais, aqui citadas, que vão direcionar para o tema de uma qualidade fisiológica totalmente particular. Logo surgiram cifras mais precisas sobre a “transmissão do agente nervoso”, medido pela primeira vez por Helmholtz, em 1863, a 27 m. por segundo (ver TAYLOR, 1877, p. 112 e 123), assim como, na segunda metade do século XIX<sup>11</sup>, dados mais precisos sobre as formas de contração muscular objetivam, cada vez mais, a particularidade possível de uma qualidade bem precisa: aquela da velocidade muscular. É determinante, por exemplo, a objetivação da duração da contração dos músculos, menos de 10 centésimos de segundos para alguns dentre eles, como já o mostra Helmholtz em sua dissertação de 1845 sobre a ação muscular (VON HELMHOLTZ, 1845)<sup>12</sup>. É determinante, ainda, a objetivação feita por tambor registrador das diferenças entre as diversas batidas de asas: “Assegurou-se de que as asas de uma mosca executavam 300 batidas por segundo, as de um pardal 13, as de uma pomba 8”, como puderam afirmar os fisiologistas dos anos 1870 (LE BOM, 1874, p. 474). O que sugere, em ambos os casos, não somente uma qualidade de velocidade distinta, de acordo com as espécies e, mais amplamente, de acordo com os indivíduos, mas também seu possível cultivo, seu exercício e sua melhoria. Daí este trabalho tão peculiar por cultivar a velocidade, descrita por Lagrange, para quem, “a passagem alternativa é freqüentemente repetida pelos músculos, do estado de relaxamento

11. Ver, entre outros, Witkowski (1877, p. 112 e 123).

12. NRT. Hermann Ludwig Ferdinand von Helmholtz, físico e fisiologista alemão, viveu entre 1821 e 1894. Enuncia em toda sua generalidade o princípio da energia, em 1847, afirmando a conservação da energia, interpretando os fenômenos físicos como mudança de forma de energia e definindo a energia potencial.

para o estado de contração” (LAGRANGE, 1888, p. 222). Daí esta constatação, tão empírica quanto teórica, dos primeiros *sportsmen* do fim do século XIX: “um corredor de velocidade será, raramente, um bom corredor de fundo” (ÉOLE; RICHEL; MAZZUCHELLI, 1895, p. 73-74). O exercício que cultiva uma qualidade confirma bem a existência e a objetivação da mesma. O exercício da velocidade torna-se um tema clássico entre os higienistas do final do século XIX, com suas representações implícitas do sistema nervoso, suas representações de recursos precisos, as representações de uma certa fadiga muscular, específica também, e proveniente do abalo orgânico repetido que ela provoca: “Os exercícios de velocidade levam a um gasto excessivo do influxo nervoso, pois o efeito do esforço da força de vontade necessária para fazer contrair rapidamente a fibra muscular, é tanto mais intenso quanto os movimentos são mais rápidos” (ROCHARD, 1898, p. 838). Com este texto de Rochard, escrito no fim do século XIX, a velocidade torna-se uma qualidade física e, ao mesmo tempo, um modo de funcionamento orgânico peculiar.

Porém, é impossível ignorar ainda mudanças mais profundas, aquelas que tornam familiar o tema da velocidade na sociedade do século XIX. A cultura desse século apresenta uma profunda mudança relativa à contagem do tempo, como o demonstram as publicidades que se centram no “relógio cronômetro”. Estas tornam-se muito mais numerosas e circunstanciais no final do século XIX, impondo, a cada indivíduo, a vigilância, por minuto, do tempo cotidiano, como esta por exemplo: “Ao recorrer ao cronógrafo Just<sup>13</sup>, você saberá como viver, o tempo que você gasta para os negócios, para suas refeições, seus prazeres, seu repouso... Graças a ele você julgará se está dando a cada ato de sua vida o tempo que lhe cabe”<sup>14</sup>.

Constata-se, portanto, uma lenta penetração do tempo cifrado e calculado nos gestos do dia-a-dia: aqueles do trabalho, aqueles do lazer, aqueles dos deslocamentos e aqueles dos transportes. É, aliás, a avaliação das distâncias que muda com o fim da existência dos “*terroirs*”<sup>15</sup> na França, com a referência repetida às máquinas, às locomotivas, bicicletas e, logo mais, aos automóveis; uma maneira mais sistemática de calcular a relação entre a distância e o tempo; uma maneira mais sistemática de associar esse tempo à diferença entre os engenhos. Surge, assim, uma

13. NRT. A palavra *just* em inglês, significa *exato*; a marca do cronômetro faz, assim, um jogo de palavras.

14. Publicidade para o cronógrafo *Just*, *La petite republicque*, 12 de abril de 1903.

15. NRT. *Terroirs*: até a revolução de 1789, a França era dividida em regiões ou territórios vistos, cada um deles, como Pátria por seus habitantes, que falavam línguas ou dialetos diferentes e não a “língua francesa”. O advento da máquina (trens, vapores, automóveis etc) encurtou as distâncias entre as regiões, unificando-as, e foi um dos fatores que contribuiu para transformar os habitantes destes *terroirs* em habitantes da França. Outro fator determinante foi a obrigatoriedade da “língua francesa” como única a ser ensinada e falada em todas as escolas da França, com a ascensão de Jules Ferry como Ministro da Instrução Pública e das Belas Artes no ano de 1879.

nova maneira de lidar com a compreensão da velocidade e do tempo: por exemplo, os guias ferroviários da metade do século (JOANNE, 1857, p. XII) distinguem a “pequena” e a “grande velocidade” para diferenciar os trens; ou seja, a maneira nova de exprimir a velocidade em km/hora, medida que se tornará padrão para auferir a velocidade de um veículo no fim do século. É esta expressão cifrada, “km/hora”, que permite, aliás, a condenação do motorista considerado perigoso, como o demonstra a primeira prisão – efetuada nos *boulevards* parisienses, em 19 de abril de 1899 – de um motorista dirigindo seu veículo à velocidade “extrema” de 60 quilômetros por hora<sup>16</sup>. É esta expressão cifrada que permite, também, apreciar as qualidades de um veículo, como pôde ser visto pelo julgamento a respeito dos engenhos da *Société l’Energie*, considerados excepcionais no começo do século XX: a revista *La vie au grand air* (6 de julho de 1901) exalta a velocidade desses engenhos, apresentando apenas um único resultado: os 51 quilômetros por hora alcançados em uma encosta de 10% de inclinação. A noção de velocidade, que se tornou uma inevitável referência material e uma indispensável ferramenta mental, só poderia ter conseqüências, inevitáveis também, sobre a maneira de representar o corpo e de diferenciar as suas qualidades.

Sem dúvida é possível, portanto, falar sobre “modelos de corpo”, mas com a condição de falar em vários registros de modelos, com a condição de estudá-los em campos bem circunscritos e, sobretudo, com a condição de saber desconfiar de nossa própria sensibilidade contemporânea.

## Referências bibliográficas

- ARIÈS, P.; MARGOLIN, J.C. (org.). *Les jeux à la Renaissance*. Paris: Vrin, 1982.
- BOURDEILLE, P. de. (dito Brantôme). *Oeuvres*. Paris, 1822 (mss do século XVI).
- CASTIGLIONE, B. *Le Courtisan*. Paris: 1585 (1. ed. italiana, 1528).
- D’ALLEMAGNE, H. *Les jeux de force et d’adresse*. Paris, 1882.
- ÉOLE, RICHEL, F.; MAZZUCHELLI, L. *Les sports athlétiques*. Paris, 1895.
- JOANNE, A. *De Paris à la Méditerranée*. Paris, 1857.
- JODELET, D. *Les représentations*, Paris: PUF, 1988.
- JODELET, D. Reflexions sur le traitement de la notion de représentation sociale en psychologie sociale. *Les représentations*. (Textos reunidos por SCHIELE, B.; BÉLISE, C.). *Communication Information*, volume VI, n. 2-3, 1984.
- JODELET, D. *Les représentations*. Paris: PUF, 1988.

16. *La Gazette de France*, 20 de abril de 1899.

- LA NOÛE, F. de. *Discours Politiques et Militaires*. Paris, 1588.
- LAGRANGE, F. *Physiologie des exercices du corps*. Paris, 1888.
- LE BOM, G. *La vie, physiologie humaine*. Paris, 1874.
- LE GOFF, J. *La Civilisation du Moyen Age*. Paris: Arthaud, 1967.
- LONGET, F.A. *Traité de physiologie*. Paris, 1850.
- PALMA-CAYET, P.V. *Mémoires* (século XVII), *Nouvelles collection de mémoires pour servir à l'histoire de France*. Paris, 1838.
- PEACHAM, H. *The Compleat Gentleman*. Londres, 1634.
- ROCHARD, J. *Traité d'hygiène publique et privée*. Paris, 1898.
- TAYLOR, G. Rattray. *Histoire illustrée de la biologie*, Paris, 1877.
- VON HELMHOLTZ, H. L. *Über die Stoffverbräuche in der Muskelation*. Berlin, 1845.
- WITKOWSKI, G. *Structure et fonction de corps humain*. Paris, 1877.